

O CONTO – UMA FACETA DO MÁRIO “TREZENTOS-E-CINCOENTA”

Francilda Araújo Inácio

Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
Av. 1º de maio, 720 - Jaguaribe - 58015-430
João Pessoa - Paraíba - Brasil
e-mail: francilda@cefetpb.com.br

Francisco José Gomes Correia

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
e-mail: cviana@equipenet.com.br

Resumo

Este ensaio transita pelo universo da contística de Mário de Andrade, destacando a sua produção no gênero e privilegiando, sobretudo, os Contos Novos, obra composta de nove narrativas. Dentre essas, o presente estudo evidencia os textos narrados em 1ª. pessoa, que constituem relatos de um protagonista que, disseminado em várias situações ficcionais, relata suas vivências desde a infância até a idade adulta, através de lembranças que lhe permitem a procura da unidade perdida e o enfrentamento com os fantasmas do seu passado.

Palavras-chave: Conto / Narrador-protagonista / Lembrança

1- A Produção Contística de Mário de Andrade

Apesar de serem os livros de contos os preferidos de Mário de Andrade, ao lado dos romances, são escassos ainda os trabalhos exegéticos em torno da contística mariodeandradiana – representada por três obras: *Primeiro andar* (1926), *Os Contos de Belazarte* (1934) e *Contos Novos* (1947) – que parece ter sido posta à margem pelo “esplendor” das muitas outras atividades desenvolvidas pelo Mário “trezentos-e-cincoenta”.

Em *Primeiro andar* destacam-se um vocabulário rebuscado, a presença de técnicas naturalistas, “descrições pouco sugestivas e falta de uma estrutura que proporcione o efeito surpresa do suspense”. (VIANA, 1990: 69). O próprio autor, em sua exagerada autocrítica, declara, na 1ª. edição dessa obra, que seus contos são “façanhas de experiência literária,” recheadas com “muita literatice, muita frase enfeitada”.

Os Contos de Belazarte, obra dedicada a Antônio de Alcântara Machado, são compostos por sete narrativas escritas entre 1923 e 1926: “O Besouro e a Rosa” (1923) — inserido somente na 2ª edição — “Jaburu malandro” (1924), “Caim, caim e o resto” (1924), “Menina de olho no fundo” (1925), “Túmulo, túmulo, túmulo” (1926), “Piá não sofre? Sofre” (1926) e “Nízia Figueira, sua criada” (1925) constituem o livro, que testemunha a descoberta de uma nova realidade brasileira, ora no tratamento dado às novas camadas sociais que surgem na periferia paulista, ora na elaboração de um código literário a partir da fala do povo.

A realidade nacional é a tônica de *Os Contos de Belazarte*, que enfatizam, sobretudo, a face urbana, o encontro do imigrante europeu com o povo brasileiro. Suas personagens representam as novas camadas da sociedade procedentes da industrialização e urbanização do centro-sul do país no começo do século, principalmente as camadas sociais de São Paulo. Já se percebe em *Os Contos de Belazarte* um registro subjetivo, em que a interioridade das personagens assume um plano de relevância, quando Mário busca representar conflitos psíquicos advindos da transformação dos costumes e, principalmente,

dos dilemas reais oriundos do desenvolvimento da grande cidade à custa do “embrutecimento” das camadas menos privilegiadas economicamente.

Herman Lima (1986: 54.) aponta nos dois primeiros livros de contos de Mário (os da fase vermelha, como o crítico os denomina) uma exuberância de cacoetes; além disso, observa, de forma negativa, o fato de que a quase totalidade de suas histórias acabe como os contos de fadas: “Nísia era muito feliz”; “Só sei que Carmela foi muito infeliz”. Para Lima, talvez a parte mais viva da ficção mariodeandradiana seja a coleção de *Novos Contos (sic.)*, da qual foram eliminados pouco a pouco, por inúteis, todos aqueles cacoetes que pareciam essenciais, nos primeiros dias de vibração modernista. Somente nestes *Contos Novos*, obra publicada postumamente, Mário de Andrade se revelaria em toda a sua força de autêntico criador, com verdadeiras obras-primas, como é o caso de “Frederico Paciência”, “O Peru de natal”, “Atrás da Catedral de Ruão”, “O Poço”.

Ainda segundo Herman Lima (*ibidem*:55), nessas páginas, o gênero conto se revela inovador, elevando-se a um plano superior dentro da literatura brasileira. Pela pureza da língua, pelo corte profundo de situações psicológicas e sua genuína ciência de dizer e de contar, Mário de Andrade consegue, com esses contos, colocar-se no nível de poucos escritores nacionais.

Telê Porto Ancona Lopez (1989), na apresentação da 15ª edição dos *Contos Novos*, declara que, nesta obra, Mário transcende o projeto modernista que respaldava as narrativas de Belazarte. Segundo a referida pesquisadora, estes contos

são novos quanto ao estilo, à linguagem, à psicologia que suplanta a cor local no espaço e no tempo. A marca do Brasil não se perde; continua, e com mais força, pois possui uma ‘psiquê’ nitidamente nossa – embora não ostensivamente delineada – funde-se ao humano, universal, presente na relação homem/mundo, tema tão bem explorado.

Simultaneamente à fase de nacionalismo estético e pitoresco de *Macunaíma* (1928), marco fundamental da produção de Mário, ele foi buscando uma expressão mais interior, uma língua mais amena, procurando mais sutileza no tratamento dirigido aos temas sociais e descritivos.

Paulillo (1980:16) corrobora a afirmação acima, quando destaca em *Contos Novos* o avanço rumo a um realismo mais denso e crítico. A chave artística desse evoluir, segundo ela, parece ser a contenção: “estilo, entrecho, paisagem, tudo agora é mais contido, mais acabado; o resultado é um profundo mergulho na realidade social e psíquica do homem brasileiro”.

A construção dos personagens é, sem dúvida, um ponto de relevância no processo compositivo de *Contos Novos*, uma vez que a ênfase é deslocada para a realidade interior do homem, para “a dimensão psíquica e afetiva da relação indivíduo/mundo” (*ibidem*: 10).

Nestes contos, há o interesse e a problematização da realidade social e afetiva do mundo. Todas as suas narrativas convergem para a configuração de momentos especiais vivenciados com intensidade e paixão pelos personagens, que, marcados por uma consciência dividida e conflituosa, são “seres cindidos que têm, conforme salienta Telê Porto, medo dos instantes de plenitude, que mal reconhecem ou conseguem fruir” (*apud* PAULILLO, 1993). São, enfim, seres humanos, divididos e incompletos, exprimindo suas tensões com o mundo.

Nos *Contos Novos* sobressai-se o filão introspectivo, em especial nos contos de inspiração memorialista que evocam fases passadas: a infância (“Tempo de Camisolinha”, “Vestida de preto”), a adolescência (“Frederico Paciência”) e o início da fase adulta (“O Peru de natal”). Nas quatro narrativas em 1ª. pessoa de *Contos Novos*, a rememoração é um meio de que o narrador se utiliza para ordenar os fatos vivenciados por ele. Esse recurso possibilita

a defrontação com o seu passado e consigo mesmo, visando à recuperação de experiências que ainda o perseguem na maturidade. Por serem todas relatadas por um narrador comum – Juca –, tais narrativas sugerem de forma mais direta a busca da reconstituição da unidade entre elas.

Embora constituam células dramáticas legítimas e independentes, realizando-se perfeitamente como conto, cada um deles se interliga ao outro pelo fio das reminiscências pessoais do protagonista, que revive o seu percurso, a fim de melhor compreendê-lo. Cada conto constitui-se, assim, parte de um todo revelado aos pedaços.

As experiências se entrecruzam, embora vividas em fases distintas da vida do narrador. De um conto a outro, episódios e personagens se repetem: o beijo dado na prima Maria, no conto “Vestida de preto”, é referido em “O peru de natal”, bem como a “detestável Tia Velha”, que os flagra em um dos muitos quartos de sua casa e os expulsa do paraíso da pureza. A personagem Rose é uma referência direta à concretização da sexualidade de Juca em “Vestida de preto”, “Frederico Paciência” e “O Peru de natal”.

A fama de péssimo aluno, que acumulava reprovações – um “caso perdido” – é disseminada em “Vestida de preto” e “Frederico Paciência”; referindo-se ao pai como uma “chaga, uma incapacidade” em “Vestida de preto”, Juca declara que voltará ao assunto num “outro dia”. Em “O Peru de natal”, quando expõe todo o seu descontentamento com relação ao pai, que aparece em todos os contos como “o puro sangue dos desmancha-prazeres”, Juca cumpre essa promessa de voltar ao “caso”. Deste modo, ele se mostra em partes, buscando unir seus fragmentos através de *flashes* do passado e juntar os estilhaços resultantes das experiências vividas.

O espaço social recua para o fundo de cena: a procura se realiza no interior do narrador, na “presença de mim em mim mesmo”. O “eu” que narra é o homem sensível em busca do menino que fora um dia. Investigando o passado e daí evoluindo, ele objetiva a recuperar a sua própria unidade subjacente ao tempo registrado em suas reminiscências, que se traduzem em vivências traumáticas e, por isso, não de todo superadas.

As “verdades” do narrador, que constiuem a matéria dos relatos, se manifestam lingüisticamente nos equívocos, na duplicidade de significações, nas interrupções e traições do discurso. O desejo não aparece explicitamente, mas ecoa nos disfarces e dissimulações que se inscrevem em interjeições, reticências, paradoxos que perturbam a significação, ambigüidades, e até no registro do silêncio, quando, diante da impossibilidade de nomear o inomeável e de exprimir o inexprimível, é ele que se faz “ouvir”.

As lembranças evocadas pelo narrador apresentam-se como uma possibilidade de resgate do paraíso perdido, de recuperação do passado e sua incorporação, numa perspectiva reflexiva e crítica, ao momento presente.

Mas, acostumado a perder, o protagonista imobiliza-se diante de qualquer possibilidade de prazer a ele oferecida; alguns “impedimentos internos” encarregam-se de fazê-lo abrir mão da fruição de seus desejos, como o faz ao renunciar à proteção das estrelas-talismãs, em “Tempo de camisolinha”, ao amor da prima Maria, em “Vestida de preto”, à “perigosa” amizade de adolescente, em “Frederico Paciência” e à celebração liberta das amarras da culpa, em “O peru de natal”. O seu mundo, na verdade, é de perdas e impossibilidades. Os fragmentos abaixo extraídos do conto “Tempo de camisolinha”, dão mostras da atmosfera “de ruínas interiores” na qual vive mergulhado o narrador de *Contos Novos*, que, desiludido, rende-se ao “gosto maltratado” que a vida lhe oferece:

“fui correndo, fui morrendo, fui chorando”.
(...)

Eu corri. Eu corri pra chorar à larga, chorar na cama, abafando os soluços no travesseiro sozinho. Mas por dentro de mim era impossível saber o que havia em mim, era uma luz, uma Nossa Senhora, um gosto maltratado, cheio de desilusões claríssimas, em que eu sofria arrependido, vendo inutilizar-se no infinito dos sofrimentos humanos a minha estrela-do-mar. (TC - p. 167).

2- Conclusão

Em *Contos Novos* a parte intimista da prosa de ficção mariodeandradiana se apresenta com toda força. Nessa face, encontramos um Mário de Andrade mais centrado em si mesmo, voltado para a subjetividade, buscando “a presença de mim em mim mesmo” revelando sua força interior. Ao expor em *Contos Novos* seu sentimento íntimo de homem, Mário consegue aproximar-se ainda mais do objetivo a que se propôs de, através da arte, criar “mais humanidade.”

3- Bibliografia

- ALVES, Henrique L. *Mário de Andrade*. São Paulo: editora do escritor. S/d.
- ANDRADE, Mário de. *Os melhores contos*. Seleção de Telê Porto Ancona Lopez, 6^a. ed., São Paulo: Global, 1988.
- ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. São Paulo: Martins, 1956.
- ANDRADE, Mário de. *71 cartas de Mário de Andrade*. Org. Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: São José.
- ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Org. Murilo Miranda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Itinerário de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1975.
- LAFETÁ, João Luís. (Org.) *Mário de Andrade*. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- LIMA, Herman. Evolução do conto. In: COUTINHO, Afrânio e COUTINHO, Eduardo de Faria. (orgs.). *A Literatura no Brasil*. 3^a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, Universidade Federal Fluminense, 1986.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. Entre o escritor e o público há um compromisso. In: ANDRADE, Mário de. *O Poço e outras histórias*. Org. Telê Porto Ancona Lopez, São Paulo: Ática, 1995.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. Contos sempre novos. In: ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. Org. Maria Célia de Almeida Paulillo. 12^a. ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- PAULILLO, Maria Célia de Almeida. PAULILLO, Maria Célia. *Mário de Andrade contista*. Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira. DLCV-FFLCH-USP, 1980.
- PAULILLO, Maria Célia de Almeida. Contos de Plenitude. In: ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. Org. Telê Porto Ancona Lopez. 15^a. ed., Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.
- RABELO, Ivone Daré. *A caminho do encontro: Alguns procedimentos técnico-literários em Contos Novos de Mário de Andrade*. Dissertação de Mestrado. FFLCH. USP, 1992.

RODRIGUES, A . Medina *et alii*. *Antologia da Literatura Brasileira*. Modernismo- textos comentados. São Paulo: Marco, 1979.

VIANA, Maria de Fátima Pessoa - *Oprimidos em foco*: Pontos de vista e formas de representação em contos de Mário de Andrade. Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira. CCHLA, UFPB, 1990.